

REVISTA DO
INSTITUTO GEOGRÁFICO
E HISTÓRICO DA BAHIA



n. 92, janeiro/dezembro, 1996
Salvador - Bahia

Discurso proferido pelo Dr. Paulo Ormino de Azevedo em agradecimento da família à homenagem prestada pelo Instituto Geográfico e Histórico da Baía ao Dr. Thales de Azevedo, em 30 de outubro de 1995.

Thales de Azevedo: história e memória

Amar o perdido
deixa confundido,
este coração,

Drumond, *Memória*

Ele poderia estar aqui assistindo a esta homenagem, como a muitas que recebeu em vida, atribuindo-a mais à generosidade dos colegas, ex-alunos e amigos, que a seu próprio talento. Diria que se algum mérito tinha era o do trabalho pertinaz. Agradeceria sensibilizado a homenagem desta casa e as palavras carinhosas do orador, que conheceu através de seus filhos, e assim o tratava, prometendo produzir mais para fazer juz a ela.

Diria isto sem falsa modéstia, senão convencido de que foram inúmeros os caminhos propostos pela Ciência que ele gostaria mas não pode trilhar. Percorreu muitas dessas veredas sem demonstrar fadiga, renovando-se à medida que avançava, entretido por uma curiosidade lúdica. Começou refazendo e retificando a estrada percorrida por seus antecessores. Terminou abrindo novas trilhas, elevando a objeto de ciência o que para muitos era apenas a rotina chã do cotidiano.

Pode-se identificar pelo menos seis grandes vertentes na obra de Thales de Azevedo: a medicina e a ação social, intimamente ligadas a uma visão humanística cristã; a unidade na diversidade dos gaúchos, com quem se identificava por parentesco, matrimônio e amizades; a historiografia, despertada pelo seu amor à cidade natal e sua gente; as relações raciais em uma sociedade mestiça; o catolicismo popular e relações com o poder; e a antropologia da vida cotidiana: família, namoro, ritos de vida, banho salgado e falares. Ele desenvolveria estas seis temáticas como professor, ensaísta e jornalista. Cada uma delas

caracteriza uma fase de sua produção, mas muitas são recorrentes e não raro se imbricam com a dominante do período.

Da primeira ficaram artigos em revistas médicas e católicas, além da fundação da Escola de Serviço Social da Bahia. A segunda temática foi inaugurada com a publicação de seu primeiro livro: **Gaúchos: notas de Antropologia Social**, em 1943. Retomaria o tema, três décadas mais tarde, com **Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**, recentemente, com **Italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa** e um conto em que funde história e ficção. Mas esta produção, dado o caráter específico, ficou restrita a um público especializado.

Sua projeção nacional se daria com a publicação de **Povoamento da Cidade do Salvador**, em 1949, que marca seu debut na historiografia. Seu interesse pela história e pela etnologia remonta, por um acaso, ao tempo em que foi caixeiro, como eram conhecidos os comerciários, antes de ingressar na Universidade. Na Casa Tude, de seu padrinho Plínio de Souza Tude, conheceu Frederico Edelweiss, de quem se tornou grande amigo e freqüentador de sua biblioteca, hoje incorporada à Universidade Federal da Bahia. Em um pequeno esboço autobiográfico de 1993 ele recorda a sua iniciação nas ciências humanas.

"Dois momentos principais refletem-se inicialmente nesse elenco desprezioso de buscas, de pesquisas, de ensaios. Primeiro, o convite de Oswaldo Valente, em 1943, na ocasião diretor do Arquivo Municipal, para aceitar a incumbência de uma das monografias programadas para a comemoração do IV Centenário da Fundação da Cidade do Salvador, e que me levou à historiografia. Foram vários anos de esforço que deram lugar a escrever **Povoamento da Cidade do Salvador** (1949), em que os fatos históricos foram tratados da perspectiva sócio-antropológica, tentando explicações e interpretações dos eventos no quadro diacrônico da sociedade em que se verificavam. Outro momento foi o encargo que me deu Anísio Teixeira de ser o representante da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de planejamento e direção, junto com o professor Charles Wagley, da série de estudos de comunidades levados a efeito a contar de 1951, pelo Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia - Columbia University".¹

Aquele novo enfoque da história baiana daria a Thales de Azevedo projeção nacional e **Povoamento da Cidade do Salvador** seria triplamente premiado. Em 1950, com o Prêmio Literário Aliança da Bahia comemorativo do IV Centenário da Fundação da Cidade, julgado por uma comissão constituída por Otávio Mangabeira, Lúcia Miguel Pereira, Augusto Frederico Schmidt, Alceu Amoroso Lima e Anísio Teixeira. O prêmio seria a culminação para qualquer historiador reconhecido. Para um novato seria, ao mesmo tempo, revelação e consagração nacional.

Depois receberia o Prêmio Caminhoá, do Governo do Estado da Bahia, como a obra mais destacada do período e, finalmente, o Prêmio Cultural de Interpretação do Brasil e Portugal Larragoiti Jr., da Academia Brasileira de Letras

conferido em 1951. Essa obra também pesaria fortemente na concessão do Prêmio Machado de Assis, da mesma Academia, pelo Conjunto de Obra, em 1985. **Povoamento da Cidade do Salvador** mereceria três edições atualizadas e ampliadas². O autor deixaria ainda um exemplar profusamente anotado para uma quarta edição, que por certo não tardará.

A qualificação do júri do Prêmio Aliança da Bahia e a tradição da Academia Brasileira de Letras demonstram que esse recolhimento não se restringia ao rigor e engenho do ensaísta, mas a elaborada e elegante carpintaria literária de Thales de Azevedo. **Povoamento da Cidade do Salvador**, não obstante a exaustiva pesquisa documental, é um canto à cidade e sua gente, que ele pintou também em delicadas aquarelas e óleos. Canto renovado, em 1975, na introdução a **Salvador da Bahia de Todos os Santos no Século XIX**, do urbanista e pintor Diogênes Rebouças, com notas de Godofredo Filho.

O surpreendente em **Povoamento** é como o seu autor inverte a retórica, até então vigente da História do Brasil e explica o sucesso da colonização, não pelas virtudes dos colonizadores, senão por seus pecados, pelas transgressões dos costumes, e pela necessidade de adaptação ao meio. Ainda durante a guerra ^{de} ~~pele~~ guerra, quando a Europa era dominada pelo racismo e o Estado Novo promovia aqui os Desfiles da Raça, Thales fazia a apologia da mestiçagem.

Esse livro seria a matriz de uma série de outros tópicos que ele aprofundaria mais tarde, como relações raciais, Igreja e poder, e vida cotidiana. Nele, Thales de Azevedo utiliza, pioneiramente no Brasil, o método quantitativo para mensurar algumas variáveis dos fenômenos estudados.

A história seria um dos temas mais reiterativos de sua obra, porque "a historiografia é sempre desafiada a encontrar novos elementos heurísticos e a tentar sem descanso, interpretações que lhe permitiam aproximar-se mais e mais do real e projetar mais luz sobre o presente abrindo perspectivas para o futuro" como diria mais tarde³. Além de artigos, a maioria dos quais inseridos na revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, publicaria em 1969 a **História do Banco da Bahia, 1858-1958**, em parceria com Edilberto Vieira Lins⁴. Concluiria sua obra com uma fusão de duas das suas temáticas e modalidades literárias preferidas: a história e o Rio Grande do Sul, o ensaio e a crônica. **A filha do alferes: nos arredores das Guerras do Sul**, por ele mesmo definido como "conto e memória a propósito das lutas contra os caudilhos uruguaios da Banda Oriental"⁵.

Fez desta Casa da Bahia, onde ingressou em 1952, a continuação de sua cátedra na Universidade Federal da Bahia e quis participar da luta pela sua recuperação e projeção, presidindo-a, entre 1978 e 1987, sucedendo a seu grande amigo Frederico Edelweiss. Durante esse período procurou modernizá-la e atrair para seu convívio as novas gerações de historiadores e geógrafos, através de parcerias com a Universidade e outras instituições baianas na realização de cursos e seminários. Deu continuidade à Revista e organizou seu índice remissivo, ainda inédito, mas já à disposição dos que aqui pesquisam. Realizou ainda estudos

para a atualização de seus estatutos. Esse esforço teria continuidade e culminaria com a restauração arquitetônica e artística desta casa por Jayme Sá Menezes e Jorge Calmon, por ocasião do seu centenário, em 1994.

No Instituto Geográfico ele recebeu uma das mais expressivas homenagens, quando de seus 80 anos, a que se associaram a Academia de Letras da Bahia, o Conselho Estadual de Cultura, a Universidade Federal da Bahia e a Associação Brasileira de Antropologia. Naquela oportunidade Pedro Calmon, amigo da juventude, o saudou ressaltando:

"Thales de Azevedo não se apressou na vida, como que teve o acanhamento da ascensão, o excessivo escrúpulo de subir... Floria no seu espírito a ambição de compreender, desembrulhava-se do seu talento o desafio da Ciência, alguma coisa como a inquietação criadora diante dos fatos, das incógnitas, dos problemas da sociedade"⁶.

Se não se apressava em ocupar espaços e colher os louros, se abrasava na ansiedade de concluir os estudos a que se propunha e publicar os resultados, como quem cumpria uma missão. Trabalhava geralmente só e febrilmente. Fazia desde a pesquisa de campo ou nos arquivos até a datilografia final, como um artesão cioso. Trabalhou até o seu último dia de vida, um sábado, com a alegria de quem plasma uma obra de arte e descansa no domingo com a sensação de haver dado o melhor de si.

Pertenceu e colaborou ainda com o Instituto Panamericano de Geografia e História, com sede no México, com a Academia Brasileira de História, onde ingressou, conjuntamente com Jorge Calmon, em solene sessão conjunta com este Instituto, em 1978. Teve então a satisfação de saudar em sua casa o presidente daquela academia, Dante de Laytano, seu velho amigo gaúcho. Foi também membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de seu simile mineiro e do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

Thales de Azevedo estava inteiramente a par dos últimos avanços da historiografia. Comentando, em 1978, as tendências verificadas neste setor no País afirmava:

"De outro lado, as abordagens narrativas e descritivas vêm sendo enriquecidas por novos modelos exploratórios e renovados esquemas explicativos: um desses é trazido pelo método quantitativo que se propõe avaliar a frequência e o peso de algumas variáveis no desenrolar dos eventos; outro fator é a visão da história a partir do povo, da gente comum, das classes sociais, das relações de poder, de modo a alargar as cenas em que os sucessos ocorrem e se explicam. Inovações históricas outras mereceriam registrar-se aqui: uma destas é o tratamento sócio-histórico da demografia... As abordagens antes mencionadas, a par das opções teóricas e analíticas de correntes como as estruturalistas e as historicistas, lançam-se à busca de maior objetividade e rigor na fixação dos dados"⁷.

Thales de Azevedo não teria sido o "scholar" que foi se a seu lado não existisse uma mulher excepcional, Mariá, à provedora de seus desejos e de sua

paz para escrever", como sublinhou Fernando Peres⁸. Corda e caçamba, um não poderia viver e produzir sem o outro. Por isto entendo que esta homenagem se estende também a ela.

Dessas duas fontes, nós, seus descendentes que já somamos meia centena, aprendemos tudo sobre a vida. Ele, descendente de farmacêuticos e médicos, com quem conviveu pouco por força do destino, foi criado no carinho austero da mãe Lôla, que nunca relaxou o luto, e no aconchego das irmãs cujas cabeleiras grisalhas adolescentes e a pureza intocada não seriam alteradas com os anos, merecendo por isto, até o final de seus dias, o tratamento de "as meninas".

María, descendente de militares, engenheiros e comerciantes, meio nômades, seria desterrada aos quatro anos com a orfandade precoce e condenada ao luto e a exercícios forçados de piano até o casamento, pela mão menos bondosa e austera da tia Belinha, preceptora da sobrinha, como dos netos, nas primeiras letras, no francês e no teclado. Alforriada pelo casamento, minha mãe eliminaria para sempre de sua vida o preto, o roxo, e o piano e retomaria a saga de vida e lutas dos varões familiares, comprando, reformando e construindo casas, criando uma enorme prole, cultivando amizades e promovendo sempre que possível, viagens e festas. Somente a dor maior da perda do companheiro lhe reconciliaria com o preto, mas a que preço!

Diante da força dessas duas figuras, nós, seus oito filhos, trilharíamos caminhos simétricos. Da metade mulher, duas, Maria e Sílvia seguiram os passos de meu pai na antropologia e no serviço social e três se casariam com médicos.

Entre os homens, igual número, seguindo os ascendentes maternos, se dedicaria à arquitetura e à engenharia e dois se casariam com colegas. Apenas o caçula, José Roberto seguiria administração de empresas. Nenhum militar. Dessas uniões nasceriam 31 netos, que por sua vez se desdobrariam em uma dezena de bisnetos, até o presente.

A todos nós, mais que a educação formal, eles transmitiram, pelo exemplo, a disciplina e a persistência no estudo e no trabalho, a dúvida pelas fórmulas feitas, o compromisso social, a fé em Deus e nos homens, a alegria de viver e criar e a certeza de que vale a pena navegar.

Ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e ao seu qualificado e sensível intérprete, Edivaldo Boaventura, em nome da família e em meu próprio, agradeço esta significativa homenagem a meu pai. Thales de Azevedo deixou uma obra importantíssima, que ultrapassou a historiografia e a antropologia para se inserir na História, mas deixou sobretudo uma saudade infinda, para nós parentes, amigos e admiradores aqui reunidos. Sua figura sábia e humana ficará para sempre na nossa memória.

Permitam-me, portanto, concluir o poema de Drumond cuja primeira estrofe serviu de introdução a este agradecimento.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas finas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

NOTAS

1. Roteiro de Trabalho. In BRANDÃO, Maria de Azevedo. **Thales de Azevedo, dados de uma assinatura**. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia e Universidade Federal da Bahia, 1993.
2. A saber 1ª Ed. - Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1949; 2a. Ed. - Paulo: Cia. Editora Nacional, Série V, Brasília 281, 1955; 3ª. Ed. - Salvador: Itapuã, 1968.
3. Tradição e atualidade do Instituto. **Revista do IGHB**, nº 87, 1978.
4. Além de **Povoamento da Cidade do Salvador**, Thales de Azevedo publicou ainda sobre história:
 - O fisco no período colonial. **Revista Físcal da Bahia**. Salvador, 1949. Número dedicado ao 4º Centenário da Fundação de Salvador.
 - Os nomes das naus portuguesas nos séculos XVIII e XIX. **Revista do IGHB**, nº 77, 1952.
 - Aculturação dirigida; notas sobre a catequese indígena no período colonial. In **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. Porto, nº 17, nº 1-4, 1959.
 - **História do Banco da Bahia, 1858-1958**, em parceria com Edilberto Vieira Lins. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
 - Pesquisas sobre a Independência na Bahia. In **150 anos de Independência da Bahia**. Salvador: Sec. da Educação e Cultura da Bahia, 1973.
 - Tradição e atualidade do Instituto (Geográfico e Histórico da Bahia). **Revista do IGHB**, nº 87, 1978. Discurso de posse como presidente do IGHB.
 - Introdução In: REBOUÇAS, Diógenes, **Salvador da Bahia de Todos os Santos no Século XIX**. Salvador: Odebrecht, 1979.

- Estudos de história da Bahia. **Mensário do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v. 11, nº 7, 1980. Reproduzido em **A Tarde** de 11/04/1980.
 - Um mestre da História Social. In: **80 anos de Pedro Calmon**. Salvador: UFBa, 1983.
 - Palavras do prof. Thales de Azevedo. **Revista do IGHB**, nº 88, 1984.
 - Migrações internas em perspectiva. **Revista do IGHB**, nº 89, 1991.
 - Conquista espiritual e cidadania. **Revista do IGHB**, nº 90, 1992.
5. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.
 6. Nós os jovens, **A Tarde**, Suplemento Cultural. Salvador, 19/09/1995.
 7. Tradição a atualidade do Instituto. **Revista do IGHB**, nº 87, 1978.
 8. BRANDÃO, Maria de Azevedo, op. cit.
 9. Um sábio do Nordeste. **A Tarde**, Suplemento Cultural. Salvador, 19/09/1995.
 10. ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro Enigma**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.